

JORNAL: Revista da Semana LOCAL: _____

DATA: 1 / 1958 AUTOR: _____

TÍTULO: O que eles dizem do Salão.

ASSUNTO: O que os artistas dizem do IV Salão Nacional de Arte Moderna.

● O DESENHO E AS ARTES GRÁFICAS — E talvez esse setor o que melhor se apresentou no IV Salão. Apesar do não comparecimento dos grandes (o que de resto vem sendo cada vez mais usual, não só no campo em questão, como em todos os demais), e de certa repetição nos temas (quantos urubus, bois e animais já cansados!), a qualidade da gravura e do desenho é superior à da pintura, e muito superior à da escultura.

Darel mostra-nos três bons trabalhos, em que sobressai a «Mesa Redonda» — dentro da qual foi conseguido um senso de profundidade dificilmente igualável. Aldemir Martins apresentou temas bastante típicos de sua maneira, entre os quais um cangaceiro, a que denominou «Homem».

Muito belo é o contingente de Anísio Medeiros, o «Gato», o «Triptico» e o «Desenho». O «Triptico» permitiu que o inteligente artista, sem quebrar o Regulamento do Salão, concorresse em verdade com cinco trabalhos, e não três, como está estipulado. Não vai nisso nenhuma censura, aliás. A beleza do traço, sua nitidez, a limpeza da execução, a poesia do motivo, fazem desse trabalho um dos pontos altos do Salão. Sem embargo, notamos-lhe certo virtuosismo, que facilmente poderá testemunhar uma falta de emoção, pura e simples.

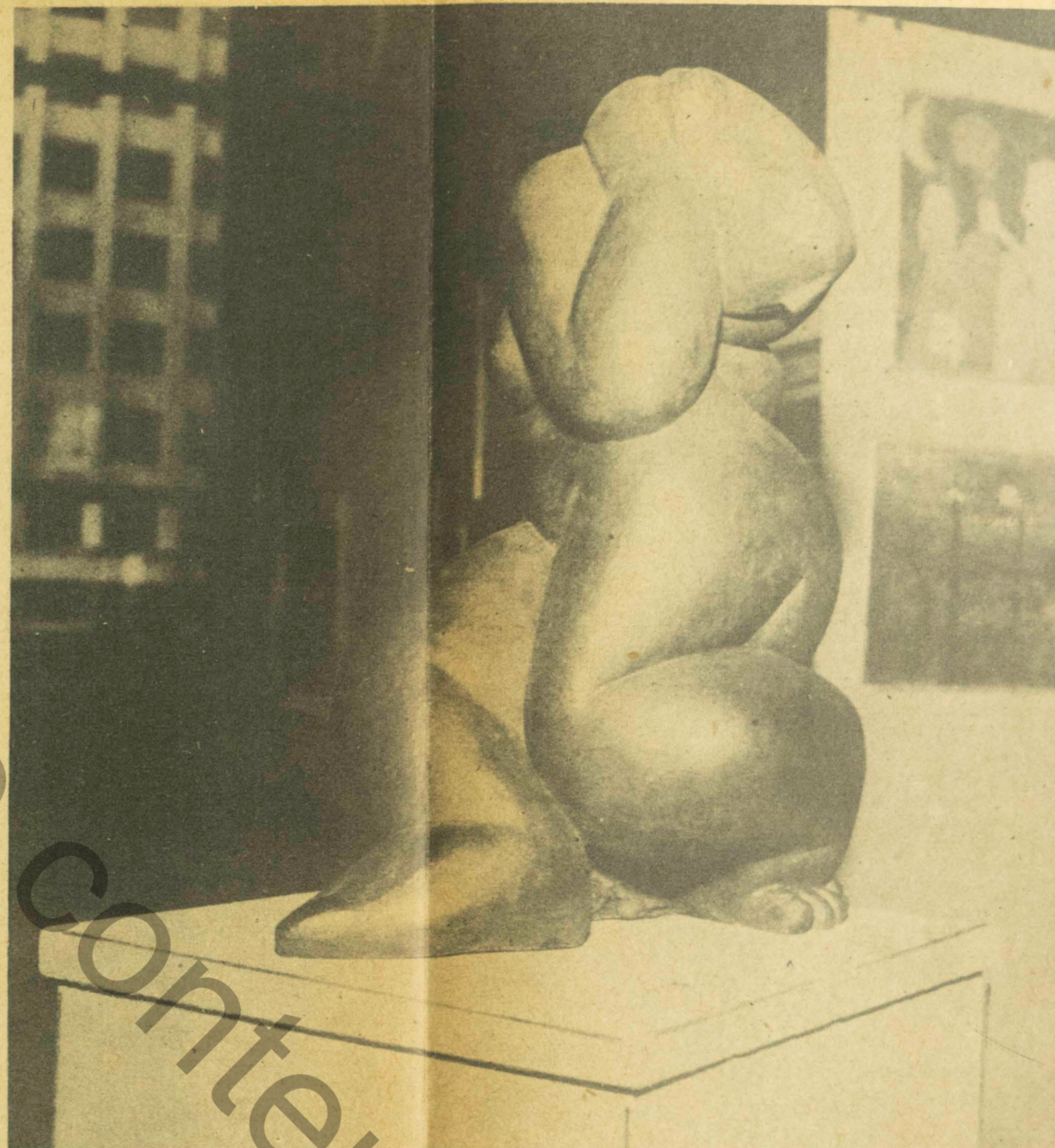
Vera Tormenta, muito bem. O mesmo com Renina Katz muito embora lhe surpreendamos — no «Enforcado» por exemplo — certa impregnação literária desaconselhável. Lívio Abramo lá está, com «Festa», bela composição. Não gostamos de Misabel, nem de Levy Menezes.

O desenho de Pedroso D'Horta é de uma beleza extraordinária. Bons a gravura de Ahmés de Paula Machado e o trabalho de Abelardo Zaluar.

● AS ARTES DECORATIVAS — Este ano foi pequeno o comparecimento dos artistas neste setor. Destacamos o «Vaso-mulher» de Sorensen, a tapeçaria de Hilda Campofiorito e as encadernações de Simone.

● DOIS INCIDENTES — Dois incidentes marcaram o Salão. O primeiro ocasionado pelo **prima-donismo** de Dacosta, que não se conformou com a colocação de suas telas num local que reputou incompatível com a sua proeminência atual. Assim, retirou-se com as ditas debaixo do braço, ante o pasmo geral. Já foi devidamente censurado pela Comissão Nacional de Belas Artes.

O segundo incidente foi mais sério. Teve como protagonista Anísio Medeiros e um dos jurados, Firmino Saldanha. Esse, em conversa



O VENTO (Sérgio Camargo)

com um amigo, declarou-se contrário aos trabalhos de Anísio. Sabedor do fato, o artista solicitou imediatamente permissão para retirar seus desenhos do salão, alegando que um júri possuía como membro alguém que tão frivolamente expandia suas opiniões, como se fôra um visitante qualquer, não mais poderia ter a inte-

gridade indispensável para o julgamento de um concurso tão importante, onde verdadeiras fortunas são distribuídas como prêmio. Reunida a Comissão para julgar o «affaire», sob a presidência de Rodrigo Melo Franco de Andrade, terminou tudo em paz, Anísio permanecendo no Salão, e Firmino, como membro do júri.

O QUE ELES DIZEM DO SALÃO

Com o intuito de averiguarmos como foi encarado o IV Salão Nacional de Arte Moderna, efetuamos rápida «enquete» entre alguns artistas. Duas perguntas apenas foram formuladas:

1 — Que acha, de modo geral, do Salão?

2 — Que nomes (ou obras) a destacar, no campo da escultura? da pintura? e do desenho e artes gráficas?

Eis as respostas recebidas:

● DAREL (gravador)

1 — O mais bem organizado.
2 a) Nada que merecesse a atenção.
2 b) Acho que a pintura brasileira está irremediavelmente européia. Precisamos ter cuidado com a gravura.
2 c) Meus trabalhos, é claro.

● SÉRGIO CAMARGO (escultor)

1 — Superior aos anteriores. As falhas existentes são devidas não aos organi-

zadores, mas à falta de maiores verbas.

2 a) Os concorrentes aos prêmios estão bem nos diversos setores. Em escultura, destacaria Weismann e De Figueiredo, com o «Retrato».

2 b) Em pintura, Djanira tem melhorado. Maria Leontina, Ivan Serpa, Aluisio Magalhães, Ana Letyia, etc.

2 c) Poty, Pedroso d'Horta, Renina Katz, Vera Tormenta dividem minhas predileções.

● ALDEMIR MARTINS (gravador)

1 — O nível está bom, mas há excesso de trabalhos. Também a arrumação (muito misturada) não satisfaz.

2 a) A escultura é o ramo mais frágil da arte no Brasil. Destaco Sérgio Camargo. Não falo de Sônia Ebling, pois é minha concorrente ao prêmio, e sou suspeito.

2 b) Pintura traquíssima. Os meninos estão desaprendendo a pintar. E sem nenhum cuidado artesanal. Em todo caso,

temos Ione Saldanha, Clara Hetenyi e Ernani, um arquiteto que resolveu ser pintor.

2 c) Em gravura, Vera Tormenta, em desenho, Pedro d'Horta. Não mais, muito papel sujo e pouco tratamento gráfico.

● ANÍSIO MEDEIROS (desenhista)

Negando-se a tecer considerações de ordem crítica, limitou-se a recordar, mais uma vez, seu caso com Firmino Saldanha:

— Desde 1944 concorro ao Salão. Já mais criei confusões. Encaro-o com grande seriedade, daí não poder compactuar com a frivolidade de um jurado que, antes do prazo marcado, se pronuncia sobre um dos candidatos. Não foi o medo de perder o prêmio que me levou a solicitar minha retirada: afinal, são três os jurados, e os dois outros bastariam para determinar uma possível vitória de minha parte. Foi, sim, a deusa da seriedade do Salão Moderno. Já possuímos tantos inimigos. Se lhes dermos motivos de críticas, ainda por cima, que não farão eles?